

LEONARDO MOTA NETO

Oportunidade perdida

O presidente José Sarney só vai complementar sua reforma administrativa no final do mês, segundo revelam pessoas insuspeitas que estão próximas ao chefe do Governo. Não é uma reforma fácil de fazer, pois junta o conceitual ao humano: quando um falha, o outro não costuma ajudar ao que logrou insucesso. O Presidente — afirmam em off alguns de seus melhores amigos — deveria ter imposto a reforma tão logo voltou do Maranhão, quando tomaria o pulso e a iniciativa dos acontecimentos, operando de uma só vez e sem delongas, escapando às pressões que atualmente o torturam.

O tempo de descanso na ilha de Curupu tinha sido o suficiente para que o Presidente ultimasse os estudos, prontos já de alguns meses. Não havia tempo a perder. Para a reforma não se assemelhar às anteriores, que frustraram as expectativas — uma porque somente deu por acabado o BNH, outra que puniu tão-somente de extinção o Inbra — Sarney teve todo um aparato de estudos e análises, simulações e medições de impactos, levantadas as medidas por experientes assessores. O sr. Jorge Murad, por exemplo, já deve ser um veterano em reformas frustrantes e frustradas. Ele congrega um número amplo de co-assessores que também impelem o Presidente à frente, há quase ano e meio.

O Presidente, deixando de ir à frente, revela aos amigos, a quem prometeu antes do Natal uma reforma portentosa, não ter passado de um remendo poderoso. Remendos

são apontados para tudo, menos para livrar o Governo de seus verdadeiros algozes. Para que a reforma não acabe sendo afinal apenas uma vendeta contra o Mirad e algo mais, que por sinal não a merece, há que se ter uma visão completa de como está sendo feita e onde. Os ministros estão angustiados, os funcionários parados, a opinião pública perplexa, e os jornais publicando manobras diversionistas. Há “donos” da reforma falando pelo Presidente da República, até demais.

Os bares estão se tornando confessionários e muros de lamentação de ministros com crise de identidade. Empresários não sabem mais a quem se dirigir em Brasília para encaminhar processos. Se um espírito maquiavélico queria toldar o ambiente político para zerar tudo, e começar de novo a contagem regressiva de novos enfrentamentos, não faria melhor.

Mas o Presidente da República não está nessa jogada. Está é fechado e com razão. Se abre um pouço o jogo com pessoas que estão próximas, em mais alguns minutos toda a cidade sabe — a começar pelos bares. A Nova República não sai dos bares, e não aprendeu a acordar cedo e começar a trabalhar com os passarinhos (não do senador Jarbas). O sr. Raphael de Almeida Magalhães costuma fazer as mesmas presepadas da Aliança Democrática. Há um cheiro em tudo de **dejá vu**. Até a reforma que não sai, um filme repetitivo e chato que já passou nos cinemas da cidade.

Ca
cô
(F
C)

m
(J
R
F
C)

M
d

(

z
(
(